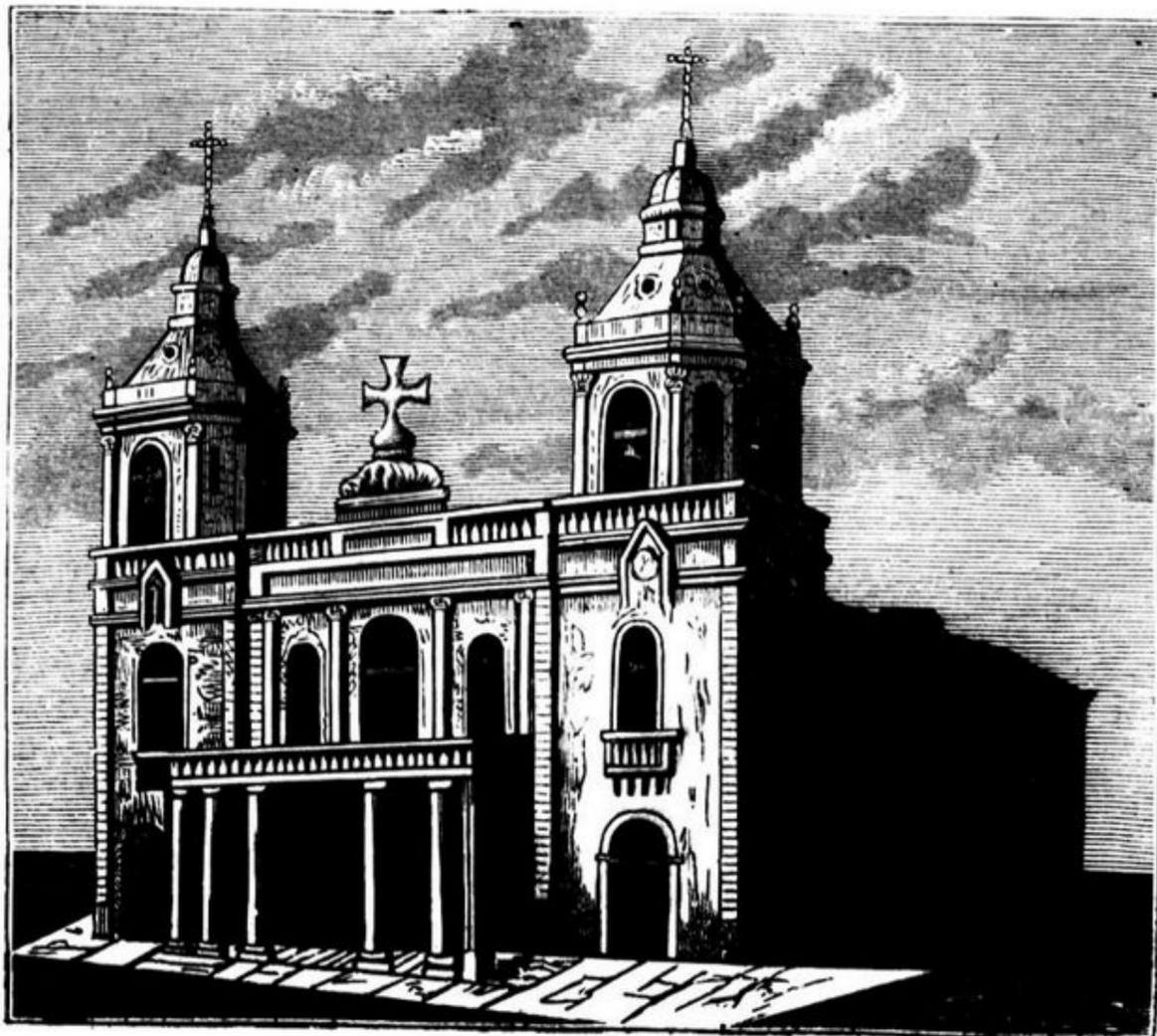
2.º anno — Lisboa, 17 de agosto de 1885 — Numero 5

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção; Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

EGREJA NOVA DE S. FRANCISCO, NO PORTO

CHRONICA

Peroraram ahi uns terroristas—e nós deixámo-nos ir atraz do choro, com uma ingenuidade lôrpa,—que estavamos ameaçados d'uma terrivel derrocada financeira; que a bancarrota era imminente; que nos esperava uma crise medonha, desde ha muito preparada pelas administrações perdularias do paiz; que era mister cada qual pôr-se a salvo, sem demora, para não ficar sepultado nos escombros do *krach*, e varias outras coisas por egual pavorosas, capazes de fazerem morrer de susto o parvonez mais afoito.

Estes vaticinios, d'um enguiço que estava a pedir figa torta ou coisa mais taluda, eram polvilhados de quando em vez por citações *ad hoc*, referencias historicas, parallelos frisantes, e contos lugubres destinados a carregar as tintas já bem negras do quadro.

Recordou-se, a proposito do assumpto, a situação da França nos ultimos annos do imperio de Napoleão III, e achou-se que ella tinha analogias com a situação actual do nosso paiz. Disse-se que a *folie des esprits* estygmatisada pelo vencido de Sedan, soprava agora rija cá por estes reinos, apressando uma crise d'exterminio, moral e financeira. Estranhou-se, em phrases melodramaticas, a falta de energia, de decisão, de sensatez e de patriotismo com que todos por ahi esperavam o desabamento da tempestade, para depois se apegarem com Santa Barbara.

Uns, deram conselhos a seu talante, sem ninguem lhes encommendar o sermão; outros, os Ferran milagrosos das finanças, prescreveram panacéas redemptoras para se dar cabo do microbio da bancarrota; outros ainda... *j'en passe et des meilleurs.*

Esculapios e prophetas ao mesmo tempo, *purgueroides* e Mahdis, todos elles annunciavam o mal e receitavam logo as mésinhas, umas mésinhas variadas, que iam desde a cataplasma emolliente até ao sinapismo revulsivo.

Houve tal que se lembrou de pedir ao *ventre da nação um esforço supremo,* para nos salvar da *degringolade* proxima!

E não se cuide que os Bandarras terroristas só exerciam a sua missão prophetica nos arraiaes adversos á actual marcha governativa. Não vá imaginar-se que só a prosa mascula do sr. Navarro predizia e condemnava o esphacelamento das finanças indigenas. Houve poetas regeneradores envolvidos no caso; ex-ministros fontistas que afinaram pelo diapasão soturno das opposições aterradoras.

O sr. Antonio de Serpa, cuja lyra se desencordoára ha muito, deitou nenias sentidas no varandim do *Jornal do Commercio*, sobre a indigencia do Thesouro, e entoou uma chacara lacrimosa, protestando contra o desequilibrio orçamental e contra a febre dos melhoramentos publicos.

Feita a synthese dos seus tetricos cantares, resultava que o paiz estaria dentro em pouco a pedir por portas, que não havia um real nos cofres do Estado, e que os seus amigos governavam muito peior do que elle, desenvolvendo tresloucadamente o fomento.

Estavam as coisas n'este pé, eis que apparece em scena a Associação Commercial, um aggregado de capitalistas graves, muito sabidos em jogos de cifras. Fez-se o silencio nas galerias. Os actores eram de primeira plana, e o que elles dissessem devia ter fóros de lei.

Havia crise? Ameaçava-nos a bancarrota? Iria tudo isto por agua abaixo, parar aos abysmos negros, n'um abrir e fechar d'olhos? Os perdularios da publica administração arrastavam-nos para um *krach* formidando? Haveria perigo em remodelar aqui e melhorar acolá? A baixa dos nossos fundos poderia ser considerada como um symptoma de borrasca proxima? Devia, effectivamente, pedir-se ao ventre da nação um *esforço supremo* para derrubar o governo?

A Associação Commercial, os austeros e sisudos aferidores das nossas finanças, responderam com mais de uma mensagem optimista a estas interrogações afflictivas do paiz.

Segundo o seu parecer,—quem o diria!—ha um augmento notavel de riqueza publica, devido aos melhoramentos materiaes já realisados e aos que estão em via de realisar-se; as receitas crescem na rasão inversa da agua do Alviella; o paiz offerece garantias de paz interna e externa; a baixa dos fundos nos mercados monetarios é resultante d'um jogo da Bolsa ou d'uma rivalidade de capitalistas que se digladiam em volta das emprezas dos melhoramentos publicos; o gabinete merece a confiança plena do commercio lisbonense, e deve permanecer no seu posto.

E' a Associação Commercial de Lisboa quem o affirma, e cumpre-nos acredital-a.

Continuamos, pois, a nadar n'um oceano d'ouro e de venturas, contra a predição dos adivinhos. Póde não haver juizo, nem vergonha, nem moralidade, mas ha dinheiro, muito dinheiro para dar de comer a quem tem fome, e para proseguirmos n'esta campanha acceza e meritoria contra o microbio cholerico.

Nada de lagrimas extemporaneas. O Brazil não nos envia metallico a rôdo? Pois faz-se cá, inventa-se e distribue-se. O ordem é rica, mas se os frades não são poucos, tanto melhor: quando Deus dá, dá para todos.

Mais socegado já dos seus pavores, o sr. Antonio de Serpa pôz de parte a lyra politica em que cantára as tristes nenias, e foi-se a veranear para Cintra, onde desfere n'um bandolim bucolico, sob as carvalheiras frondosas, e á beira dos arroios sussurrantes, hymnos de paz e d'amor.

Em volta d'elle, do venerando poeta financeiro, a caridade das nossas mais bellas elegantes—uma caridade que chega para tudo, como o dinheiro dos cofres publicos—exerce-se, sympathica e prövida, a favor dos enfermos pobres d'aquella região paradisiaca. Viscondessas e duquezas gentis, diaphanas nas suas gazes brancas, promovem ali tombolas, bazares e bailes campestres, d'onde sae a esmola bemdita para os desventurados famintos.

Formosa Caridade aquella, que em toda a parte se manifesta e esplende!

Por cá, é-se menos caridoso. O lisboeta ficou farto de *kermesses*, e trata agora de applicar os rendimentos á distracção do seu espirito apavorado.

Quando não vae ver as maravilhas funambulescas do Blondin, no Jardim Zoologico, ouve no Colyseu a *Marselheza*, uma pacata e simples *Marselheza,* que já lhe não produz estonteamentos.

De tarde, recreia-se na contemplação extatica da Clairence, sem tugir nem mugir, n'um mixto d'espanto e de medo. A' noite terceia com enthusiasmo pela Aponte pimpona, pela Negri *salerosa*, ou pela Pizarro roliça; atira dois bravos ao Maximino Fernandez; chacotêa da corista gorda; sente coisas estranhas pelo corpo acima, quando lhe servem o bailado aphrodisiaco do *Sacristan de San Justo*,—uma delicia!—ou vae enrijar os nervos com as commoções fortes d'uma *corrida*, á luz viva do gaz, que põe scintillações diabolicas nos olhos chammejantes dos toiros e nos adereços caros das *cocottes.*

O indigena diverte-se. Pois se elle está rico!...

CASIMIRO DANTAS.

OS PORTUGUEZES NA LITTERATURA FRANCEZA

Ha tempos a esta parte os Portuguezes, que eram quasi completamente desconhecidos da litteratura franceza, começaram a figurar no romance e na comedia. Na grande epoca da litteratura romantica, no tempo dos interminaveis romances de Dumas e de Féval só n'este momento me lembro de um personagem portuguez, o dr. José Mira, do *Filho do Diabo*, de Paulo Féval. Era um d'aquelles sombrios patifes que se tinham assenhoreado da immensa riqueza de um fidalgote allemão, e cujos planos sinistros eram completamente mallogrados pela intervenção heroica de tres irmãos parecidissimos, que surgiam sempre na occasião critica para proteger o orphão, e salvar o fraco das garras do forte.

Ultimamente, porém, os romancistas francezes começaram a explorar o genero «portuguez» para renovar um pouco o seu pessoal de phantasia.

Fartos de *hidalgos* e de bandidos da Sierra-Morena, passaram a fronteira e vieram procurar assumptos ao nosso paiz.

Foi assim que tivemos o prazer extraordinario de sermos os heróes da *Noite e dia* de Lecoq, e de sabermos, por intermedio da musica alegre e saltitante do illustre *maestrino*, que nós eramos um povo sempre alegre: *Les Portugais sont toujours gais*.

No ultimo romance, que Georges Ohnet, o romancista da voga, acaba de publicar, e que se intitula *Lise Fleuron*, temos um Portuguez. Devemos dizer entre parenthesis que o exemplar da *Lise Fleuron*, que temos na nossa frente, pertence á 85.ª edição, e que no ante-rosto do livro lemos as seguintes indicações relativas a outros romances do mesmo author: *Serge Panine*, 118.ª edição; *Le Maitre de Forges*, 182.ª edição, *La Comtesse Sarah*, 128.ª edição.

Observemos, em todo o caso, para que os nossos leitores não fiquem perfeitamente estupefactos diante d'estes prodigiosos successos, que os livreiros francezes adoptaram agora o systema de chamar «edição» a cada milhar de exemplares. Assim, acontece muitas vezes que n'um só dia se esgotam de um livro muito procurado, como succedeu com a *Historia de um crime*, de Victor Hugo, vinte e trinta edições. Contando-se d'esta fórma, com toda a certeza se póde dizer que os *Mosqueteiros* de Dumas devem estar hoje na 1:000.ª edição.

Mas, apezar de todos estes descontos, o que é certo é que a nota que damos acima indica que da *Serge Panine* se venderam já mais de 117:000 exemplares, do *Maître de Forges* mais de 181:000, da *Comtesse Sarah* mais de 127:000, e da *Lise Fleuron*, que saiu ha muito pouco tempo dos prelos francezes, mais de 84:000 exemplares.

Merece Georges Ohnet este successo extraordinario? Não, por certo. E' um escriptor que nunca sobe acima de uma honesta mediocridade. Escreve bem, mas não tem um periodo só que nos arrebate, desenha uns typos vulgares que não desagradam, mas que se apagam da memoria apenas se fecha o livro, traça umas scenas bem combinadas, mas que temos topado cem vezes na immensa bagagem do romance francez. É um escriptor agradavel, cujos livros se vendem aos centos de milhares de exemplares, mas que os nossos netos nem suspeitarão que existiu.

Mas qual é o motivo d'este triumpho excepcional? O motivo é muito simples, provém da reacção vehemente que se produzio contra o genero Zola. Este romancista e os seus consocios abusaram por tal forma do genero apimentado, que o paladar dos leitores, exacerbado e gasto, reclamou uns poucos de copos de agua fresca. Ora os romances de Ohnet são os taes copos; a agua, segundo as indicações chymicas, é incolor e insipida, mas é fresca e pura. Foi acolhida pelos Francezes como se fosse falerno ou nectar. Em passando a sede, o publico ha de lembrar-se tanto dos romances de Ohnet, como nós nos lembramos do copo de agua que bebemos em occasião de grande calma.

O romance *Lise Fleuron* é um romance de bastidores. Lise Fleuron é uma ingenua, victima das intrigas e das rivalidades da *coquette* Clemencia Villa, que a detesta, e que está mesmo muito disposta a dar cabo d'ella. Se Zola tratasse o assumpto, é claro que teriamos bonitas scenas nos camarins e nos bastidores. Lembrem-se da *Nana*, que tem algumas scenas de theatro, e imaginem o que seria um romance de Zola que se passasse n'esse meio. Ohnet simplesmente passou para o extremo opposto, e a coisa mais divertida d'este mundo é ver esse publico parisiense que achava ultimamente piegas e sentimental a *Dama das Camelias* e que se ria d'esse Musset das familias, que tem o nome resplandecente de Octavio Feuillet, devorar as paginas do *Thesouro dos meninos*, que o sr. Jorge Ohnet impinge a razão de 3 fr. e 50 por exemplar aos seus leitores. E' que Jorge Ohnet, se pozermos de parte umas certas elegancias de estylo, não lembra Feuillet, nem Dumas, lembra Ducray-Duminil. Esta Lise Fleuron, ingenua na scena e mais ingenua ainda nos bastidores, é uma virgem do Conservatorio, que deixa no camarim, nos intervallos, a sua auréola de santa para entrar em scena, e que vae depois, vestida de branco, levar o dinheiro do seu ordenado á sua mãesinha cega, de quem ella trata com uma dedicação adoravel.

E' amada castamente por um José do Egypto, que frequenta os bastidores, e que se chama João de Brives. Este José ou João do Egypto ou de Brives deixou a sua capa ou o seu paletot nas mãos febris de Clemencia Putiphar, a inimiga de Lise, e depois acompanhou á noite sósinho a sua casta deidade até á porta de sua casa, onde a deixou, beijando-lhe puraamente a ponta do dedo minimo.

Um redactor de *Echos de Bastidores* tem a audacia de narrar o caso de um modo transparente. Grande escandalo. Parece que uma coisa que faz grande barulho em Paris é a queda das *jeunes premières*. João não está com meias medidas: procura o jornalista, bate-se com elle e fere-o gravemente. Lise, vestida de branco, busca o seu campeão. Elle appareceu-lhe, vestido de preto, levemente ferido, encostado á porta do seu quarto, pallido e loiro. Ella cae-lhe nos braços, com um grito. As suas madeixas mal seguras pelo pente, destrançam-se, e aqui temos a scena capital de um romance de que se vendem 84:000 exemplares, em tres mezes, na cidade de Paris: uma actriz vestida de branco, com os cabellos soltos, abraçando um frequentador de bastidores, de bigode louro, vestido de preto, e ferido no braço n'um duello em que se bateu por ella. Que bonito! Nunca Ducray-Duminil inventou scena mais pathetica.

É o Portuguez? grita o leitor. Ah! sim! é o protector de Clemencia, um banqueiro riquissimo, que emitte emprestimos roumaicos. Chama-se... adivinhem? Selim Nuño! Nuño com til. Vê-se que Jorge Ohnet não se poupou nem a trabalhos nem a fadigas para estudar os costumes portuguezes. O nome de Selim é tão frequente em Portugal que supponho até que se podem percorrer todos os assentos de baptismo de todas as parochias do reino, desde a fundação da monarchia, que se não encontra lá este nome turco. Mas Ohnet lembrou-se de que os Arabes tinham estado no nosso paiz, e então não achou nada mais natural do que dar ao seu heróe o nome de Selim.

Nuño tambem é um achado. Ohnet conhece todas as finuras da lingua portugueza. Elle bem sabe que, tratando-se do nome de baptismo, deveria dizer Nuñez com *til* e com *z* ainda assim; mas tratando-se de appellido, é claro que não podia deixar de escrever *Nuño*, sempre com *til*, porque não escapou ao illustre romancista nem sequer a mais ligeira particularidade.

Pois este Selim Nuno tem, diz Ohnet, a pronuncia *pedregosa* de um homem habituado a rolar na bôca as numerosas consoantes da sua lingua. Ah! pois não! a lingua portugueza é de uma abundancia de consoantes extraordinaria, exactamente como a italiana, onde abundam tambem as consoantes.

É um philologo de primeira força o sr. Ohnet! Como elle distingue bem a indole das linguas meridionaes da indole das linguas do norte! Peçam-lhe exemplos de linguas em que abundem as consoantes, e elle responde logo: o portuguez e o italiano. Peçam-lhe, pelo contrario, exemplos de linguas em que as vogaes sejam numerosas, e logo Ohnet responde: o allemão e o inglez!

O que tem graça é que o sr. Ohnet, que precisa de tres consoantes para escrever o seu nome, que em portuguez se escreveria com uma só, *Oné*, entende que o portuguez é uma lingua toda erriçada de consoantes!

E aqui teem os leitores mais um exemplo do modo como em França se conhecem as coisas portuguezas.

PINHEIRO CHAGAS.

QUADRAS

Desde as mais remotas eras
Nunca se viu tal rigor.
As feras, e mais são feras,
Soltam rugidos de amor!

Mal desponta a luz do dia,
As aves apaixonadas
Cantam pela ramaria
Umas trovas namoradas.

E em noites voluptuosas,
A lua por entre afagos,
Diz palavras amorosas
A' superficie dos lagos.

E não sei se isto é verdade,
Mas tenho ouvido contar
Que é da lua a crueldade
Que traz soluçante o mar.

A vida é noite profunda
Sem a doce luz do amor...
Não é elle que fecunda
O seio de cada flôr?

Só tu, senhora, desdenhas
Da minha ternura ideal...
Praza a Deus que inda não venhas
A padecer d'este mal!

Não t'o desejo, a vingança
N'esta alma é flôr que não medra...
Mas Deus castiga, criança,
Quem tem coração de pedra!

JULIO CRUZ.

HISTORIAS DE BASTIDORES

O PEQUENO DO VENTURA

A Seraphina e o Ventura eram comicos, uns comicos modestos, em quem os jornaes fallavam pouco, mas a quem o publico applaudia muito.

E' verdade que esse publico era facil de contentar, um publico de boa bocca, que em lhe dando ahi dois incendios, uma abordagem, cinco raptos e meia duzia de derrocadas, pela peça adiante, e tres mortes no ultimo acto, impava de felicidade e dava por muito bem empregado o seu dinheiro.

A Seraphina e o Ventura eram os seus comicos predilectos, enchiam-lhe as medidas. O Ventura tinha uma voz de stentor, e ahi pelos terceiros actos, quem passava pela rua quando elle estava em scena ameaçando a ingenua, e este mundo e o outro, não podia deixar de pensar em Santa Barbara. Ella, a Seraphina, era o contrario; uma voz fraca, mas muito cantada, que parecia uma musica; e chorava tanto nos ultimos actos, tanto, que em havendo drama mais forte, constipava-se sempre duas ou tres vezes com a humidade das suas proprias lagrimas.

E o publico gostava muito de a vêr chorar, e chorava tambem, nas plateias, nos camarotes, e ia para casa com os lenços encharcados, os olhos como punhos, nadando em pranto, mas nadando tambem em contentamento.

—Aquillo sim. Aquillo é que é a gente divertir-se, empregar bem o seu dinheiro, passar uma noute no theatro! Não havia ninguem como a Seraphina para aquelles papeis! Sempre entrava muito bem o demonio da mulher!

E a voga da Seraphina ia-se espalhando, e peça em que ella chorasse era successo certo.

Os auctores comprehenderam a coisa e exploraram-n'a: em Seraphina chorando e em Ventura gritando, o camaroteiro não tinha mãos a medir. E nunca mais houve n'aquelle theatro auctor tão incauto que apresentasse uma peça em que a Seraphina não alagasse o palco, e em que o Ventura não ensurdecesse o ponto.

E d'ahi começaram os dois artistas a estar sempre em scena, todas as noites, todos os dias nos ensaios, um com o outro, ella a entisicar por elle e elle a dar-lhe pancada n'ella como se ella fosse um bombo.

Era preciso que ambos elles fossem de pau para não se apaixonarem um pelo outro.

E não eram de pau, apezar d'ella ter o seu que de pau santo na coloração escura da sua cutis, e elle de pau muito bem tapado, na resistencia tenaz que o seu cerebro oppunha á comprehensão de qualquer coisa.

Não eram de pau e amaram-se.

D'esses amores resultou um transtorno muito grave para a empreza.

Estava-se em pleno inverno, o theatro nadava em maré de rosas.—Os *abutres negros* davam casões sobre casões.

Uma noite, á ultima hora, quando já não havia um bilhete no camaroteiro, o theatro teve que pôr contra-annuncio.

Em vez da Seraphina se apresentar como de costume para fazer o seu papel, apresentou-se uma certidão de doente. A Seraphina não podia vir n'aquella noite porque estava para ser mãe.

E esteve para ser mãe mais de quinze dias, e o theatro fechado ou as moscas, porque peça sem ella era perdiz certa.

O emprezario andava fulo, desesperado, e quando o Ventura o convidou para ser padrinho de seu filho, o emprezario recusou-se terminantemente, e disse-lhe muito offendido, muito melindrado:

—Não senhor, não sou padrinho. E a Seraphina, senhor Ventura, não me devia fazer isto a mim...

—O que? perguntou o Ventura muito intrigado.

—Não devia, sr. Ventura! Tem todo o verão para ter filhos, e vae tel-os logo no pino do inverno, quando me causa mais prejuizo, quando me faz perder um dinheirão! Ella não me devia fazer isto, sr. Ventura! não devia!

*
* *

D'ali a um anno já o pequenito Seraphim andava pelo theatro como nós por nossa casa; corria todos os camarins, apanhava o seu bolo aqui, o seu trambulhão acolá, chorava, ria, começava a palrar e era o encanto d'aquella gente toda, e pellava-se pelo theatro.

Uma noite, porém, quando começava a ter mais tino e principiava a fallar, é que o pequeno fez uma balburdia diabolica.

A scena era aberta—um jardim qualquer—Seraphina e Ventura, no meio do palco, descompunham-se, como se descompõem um tyranno e uma ingenua de drama que se presa. Lá a folhas tantas elle sacca de um punhal e zás, a Seraphina cae estatellada no meio do chão, soluçando:

—Mataste-me, mataste uma innocente.

E elle, logo atras d'ella, enterrando o punhal no peito:

—Não te sobreviverei, Annica!

E bumba! meio do chão, tambem.

O pequenito, o Seraphim, que estava lá dentro, no bastidor, a ver tudo aquillo, com os seus grandes olhos negros muito espantados, e que tinha já feito beicinho varias vezes, como fazia em casa, quando seu pae e sua mãe ralhavam um com o outro, ao vel-os cahir no chão, feridos pelo punhal, deitou a correr para o palco, chorando a bom chorar.

—Ma. .mã, mamã...

Mas parou ao entrar em scena, assustado e estupefacto.

Na sala toda a gente batia palmas n'um delirio de enthusiasmo e ouvia-se de todos os lados:

—Bravo! Bravo!

E seu pae e sua mãe, muito lepidos, muito desembaraçados, muito risonhos, levantaram-se n'um momento, deram-se as mãos, e caminharam para o proscenio, meio curvados, radiantes de gloria.

E o publico então era um nunca acabar de

—Bravo! Bravo! Bravo!

Ao pequeno fez-lhe tudo aquillo especie. Quando finalmente o enthusiasmo acabou, os bravos cessaram e o panno cahiu, lançou-se ás pernas do pae e da mãe, abraçando-os muito, commovido, nervoso, a chorar.

O Ventura e a Seraphina acharam-lhe muita graça, pegaram-lhe ao collo, encheram-n'o de beijos, e o carpinteiro, que estivera ao pé do Seraphimsinho no bastidor, veiu logo, a contar com grandes gargalhadas a scena toda que presenceára:

—Ora não ha! O pequeno!

E juntaram-se logo grupos, e contava-se o que tinha sido. «Foi o pequeno da Seraphina, que quando viu o pae matar a mãe... E' boa! Teve graça o pequenito!

E commentavam, e riam-se, e iam todos beijar o Seraphim, e fazer-lhe festas.

E a historia do Seraphim correu todo o theatro, e o pae e a mãe repetiam a scena, no camarim, para vêr o que o pequeno fazia, e o pequeno estava ainda muito admirado, e tinha um risinho de comprazer, um risinho amarello, emquanto todas as outras pessoas riam, riam, riam...

E d'ali em diante, todas as noites, quando chegava a tal scena os carpinteiros, as costureiras, as actrizes que estavam já promptos para a comedia de fechar, levavam o pequeno para o bastidor, para vêr a grande scena final.

E todas as noites o pequeno via a mesma coisa, os dois cahirem, e o publico applaudir muito, e gritar:

—Bravo! Bravo!...

*
* *

Passaram-se semanas.

A peça continuava a ter o mesmo successo, a dar as mesmas enchentes, mas ao mesmo tempo que o drama dava enchentes no theatro, o Ventura começava a dar enchente nos bastidores.

De repente, o tyranno do dramalhão deitara na vida real galan apaixonado. Cada dia que passava amava mais a sua Seraphina, a sua companheira da vida e da gloria.

Mas, a Seraphina é que mudara tambem de genero, cá fóra de scena, e deixara as ingenuas apaixonadas, pelas *grandes coquetes*.

E debutava n'esse genero com um grande successo. A aureola de fama que circumdava o seu nome, quando mais não fosse, ali dentro d'aquelle palco pequeno e pelintra, fornecia-lhe uma côrte senão muito escolhida, bastante numerosa; uma côrte que lhe fazia andar a cabeça á roda a ella, e que mettia o Ventura no inferno.

Ciumento como uma fera, sentindo-se Othello lá por dentro, o Ventura andava completamente desnorteado.

Demais a mais, havia uma coisa que o enfurecia—era o galan comico, um rapazito, um fedelho, que fazia rir o publico, aquelle publico que elle fazia chorar, atrever-se a erguer os olhos para a Seraphina.

E o peior é que a Seraphina baixava tambem até esse reles truão os seus olhos de actriz celebre, e de mulher do Ventura.

Uma noite, então, o calix trasbordou. A' sahida do palco o galan comico dissera uma coisa qualquer ao ouvido da Seraphina. Elle perguntou-lhe o que era. Ella respondeu-lhe uma banalidade qualquer, uma mentira, evidentemente.

No dia immediato a Seraphina estava adoentada; de repente, não quiz ir ao ensaio.

—Vae tu, dize que eu estou um pouco incommodada, e como ha espectaculo á noite ..

—Então tambem eu não vou; todas as minhas scenas são comtigo, não me serve de nada lá ir.

Ella impacientara-se muito e insistira com mau modo.

—Vae, vae, anda. Se não vaes, então obrigas-me a ir, mesmo doente...

Elle foi, mas com a pedra no sapato.

Chegou ao theatro. Estava se a ensaiar, mas o galan comico faltou tambem.

Teve então um palpite infernal. Sahiu do theatro a correr. Chegou a casa; á porta estava um trem.

ATRAVESSANDO O REGATO

—Para onde é este trem?
—E' lá para uma senhora do segundo andar.
O segundo andar era sua casa: senhora lá, só a Seraphina.
—Quem o mandou cá?
—Um sujeito baixinho e de luneta, que é comico.
Era elle, era o galan. Subiu a escada a quatro e quatro.
A porta estava a abrir-se. Não bateu, esperou no patamar. A Seraphina appareceu vestida com o seu fato mais elegante, um vestido com que fizera a peça do seu beneficio, chapeu novo, muito caiada com pó d'arroz...
Ao vel-o, Seraphina recuou para dentro de casa, dando um pequeno grito ..
Elle avançou sobre ella ameaçador, terrivel ..
D'ali a nada, no primeiro andar ouviu-se um baque como da queda de dois corpos.
Os visinhos assustados correram lá a casa. A porta estava aberta, entraram.
No meio da sala, estavam cahidos, ensanguentados os cadaveres de Saraphina e de Ventura. Ao lado, uma navalha encharcada em sangue.
E sentado n'um bahu, muito contente, muito risonho, o pequenito, o Seraphim, batendo as palmas, gritava com a sua vosinha argentina.
—Bravo! Bravo! Bravo!

GERVASIO LOBATO.

A ESMERALDA

Ia subir o panno para o 4.º acto do *Fausto*, para esse immortal terceto de que a Fidés Devriés fez o grande acontecimento musical da nossa ultima *season* lyrica, quando ella saiu de S. Carlos. A porta do camarote fechou-se na sua passagem com uma pancada sêcca, que resoou na sala, provocando um *schiu* na superior e obrigando, nas primeiras ordens, a voltarem-se muitas cabeças curiosas, de um fino contorno aristocratico.

A condessa ***, doida pela Fidés, disse em francez uma phrase ironica, allusiva áquella escandalosa saida: e o diplomata russo a quem sua ex.ª se dirigira, muito engommado no seu peitilho espelhante, pontuado de arestas de diamante, binoculando distraido um camarote de bôcca, no hiato do qual se desenhava um busto despeitorado, equilibrando, como uma flôr exotica, uma cabeça côr de milho, encolhendo os hombros, muito desdenhoso, e deixando cair o binoculo, respondeu: *C'est movi!*

A viscondessa, embrulhando-se na sua capa de setim preto forrada de marthas, puchando para a cara a mantilha de renda, desceu rapidamente os degraus, chamou o *groom* parado á porta, mandou chegar o coupé, e, sempre com os mesmos gestos nervosos, a mesma vibrante inpaciencia, a mesma surda irritação, atirou-se para dentro da carruagem, ordenando ao cocheiro, ao John, esperando hirto, de chapéo na mão, que passeiasse ao acaso, sem destino, até nova ordem.

O coupé partiu rapido, cortando o Chiado, subindo a rua Larga de S. Roque, deslisando ao longo do passeio de S. Pedro de Alcantara e indo rodar brandamente na Praça do Principe Real, banhada de um luar frio, que escorria das folhas das arvores como gottas de neve.

E na gelada atmosphera d'essa noute de dezembro, a viscondessa ardia em febre: nas suas mãos quentes, asperas, seccas, as varetas do leque estalavam e gemiam, torturadas pelos dedos que se contraiam, agitando-se no vacuo, como pequenas garras avidas de exterminio. As sobrancelhas da viscondessa, unidas no vinco da testa, mordiam-lhe a pelle delicada, de uma pallidez ardente e suave: a bôca, descórada, agitada de um fremito convulsivo, sorria-se com um riso amargo, de uma insondavel profundidade dolorosa.

Debalde o luar acariciava, com a voluptuosa languidez de um amante, essa bonita cabeça perturbada e cheia de sombras; debalde a fina aragem, aguda e fria, lhe trazia dos canteiros orvalhados o subtil perfume que a noute arranca ao casto seio das flores; debalde na curva azul do ceo, de uma transparencia de crystal polido, as estrellas dançavam a luminosa farandola.

A viscondessa não via nada, toda absorta na sua dôr, deleitando-se em deixal-a devorar-lhe o seio, em abandonar-lhe doidamente todas as illusões, todas as esperanças, todas as crenças.

Era para aquillo que ella se tinha casado! Era elle, o homem que chorara de amor aos seus pés, que andava leguas para a ver de relance, que escrevia cadernos de papel para obter d'ella uma simples palavra, que a ameaçara um dia, em Setteais, de metter uma bala na cabeça se ella não lhe correspondesse, que tremia e córava como um collegial quando os seus bonitos olhos negros lhe concediam a piedosa esmola de um olhar; era elle, que acabava de affrontal-a miseravelmente no que uma mulher possue de mais susceptivel, — o amor proprio!

Ai! pobre, pobre desillidida!...

Julgara-se superior ás outras mulheres, acreditara que bastaria ser moça e ser formosa para subtrair-se á humilhação de se ver trocada pela primeira impudente...

E na sua candida ignorancia do mal, odiando a traição com a mesma instinctiva repugnancia que lhe inspirava a mentira, repetia ao marido, palavra por palavra, todos os madrigaes que rastejava a cauda do seu vestido, e fazia com que fossem supprimidos da lista dos convidados dos jantares das quintas feiras os nomes de todos que ousavam fazer-lhe a côrte.

«Idiota!»

Um unico tinha sido exceptuado, — o Eduardo Lencastre, — um irresistivel das salas, com muito espirito, muito chic, muita audacia, com excentricidades adoraveis, que endoideciam as mulheres, como por exemplo a de trazer no braço um bracelete onde se lia, nitidamente gravada, a célebre divisa de Maria Antonietta: *Poco ama ch'il morir teme.*

Mas é que a côrte d'elle não a offendia, não a melindrava: era uma côrte subtil como o aroma da verbena, delicada e ligeira como a pluma de um cysne.

E n'essa fatal noute em que adquirira a certeza da infidelidade do marido, a côrte de Eduardo Lencastre parecia-lhe mais subtil, mais delicada e ligeira do que nunca...

Decididamente, pensava a viscondessa, acabando de quebrar a ultima vareta do leque, precisava vingar-se.

Amavam-a, desejavam-a, cercavam-a de adorações e de homenagens, e o miseravel, o monstro! negara-lhe um bracelete que ella vira na *montre* do Leitão, que tornara a ver, algumas horas depois, escondido na gaveta da secretária do marido, e que avistara, havia alguns instantes, no braço de uma mulher pintada como um arco iris, que se exhibia insolentemente em um camarote de bôcca, defronte do seu camarote

E praticavam-se no mundo estas iniquidades, sem que o dedo da Providencia interviesse, quebrando logo ali, á sua vista, n'esse braço prevaricador, esse infernal bracelete!... Como ella sentira uma tentação diabolica de substituir o dedo da Providencia pelos seus dedinhos afilados e recurvos, e de fazer com elles uma tenaz, para arrancar do braço peccaminoso, em pleno theatro, em presença da Lisboa elegante dos camarotes e das plateias, o precioso e execrado bracelete!...

Mas o medo do ridiculo, esse fantasma que obriga as pobres mulheres a devorarem em silencio, afogadas em lagrimas que ninguem vê nem suspeita, as mais terriveis affrontas, instigara-a a fugir do theatro, a fugir sem voltar a cabeça, a correr desoladamente pelas ruas, sepultada com todas as suas illusões no tumulo d'aquelle pequeno coupé de Binder, impregnado de iris como um sachet.

«Meu Deus! que infeliz era!... Como a vida lhe parecia um sonho tumultuoso de que desejaria acordar... na morte!»

O coupé rodava sempre, serpenteando atravez das ruas desertas, mergulhadas na alvura opalina do luar, ao longo das quaes as patrulhas passavam com o vago aspecto fantastico de um personagem de Hoffmann.

No ceu, sulcado de traços alvacentos, o azul desmaiava, correndo um véo diaphano sobre as estrellas que se apagavam... O frio da madrugada cortava como uma lanceta: o cocheiro e o groom tiritavam na almofada; ao longe, ouvia-se o rumor surdo das primeiras carroças e o despertar periclitante dos pobres, arrancados ao somno pela dura necessidade do trabalho.

De repente, a viscondessa lembrou-se, por entre as suggestões do suicidio, que tinha o baile da embaixada para essa noite e que a modista devia ir ás 2 horas provar o vestido.

Puchou o cordão e mandou bater para casa.

A' noite, no cotillon, a viscondessa serviu ao mesmo tempo a sua vingança e a sua vaidade, coqueteando com Eduardo Lencastre, voltando para elle o espelho, pregando-lhe no hombro o laço tricolor, distinguindo-o na preferencia dos walsistas, acceitando-lhe as flores e prendendo-as no decote, na curva branca dos hombros, unidas á pelle macia e perfumada, desfolhando-se-lhe quasi sobre o coração...

Eduardo acceitava, sem discussão, a ambrozia do Olympo que descia sobre a sua cabeça, coada pelas longas pestanas da formosa viscondessinha, velando como uma fina trama de seda os seus bellos olhos pretos, illuminados de um fulgor sombrio.

A viscondessa estava diabolicamente seductora! O vestido de velludo ardozia modelava-lhe esculpturalmente a linha flexivel e elastica do corpo, a pureza harmoniosa das formas. A sua cabeça, altiva e desdenhosa, scintillava de um estranho brilho: no fundo das pupillas aveludadas ardia uma chamma, que fuzilava a espaços, cegando como o raio.

O visconde jogava o whist, espalhando pelas salas um olhar indifferente e rindo-se, para dentro, de Eduardo de Lencastre e de outros identicos admiradores, á custa de quem tantas vezes ambos tinham rido.

Nos cantos dos sofás e nas dobras dos reposteiros o nome da viscondessa foi pronunciado essa noite pela primeira vez com uma inflexão estranha, entre dois sorrisos abafados nos leques: os homens commentavam, furiosos de despeito, a subita metamorphose da mulher do visconde...

No giro de uma walsa de Strauss, na languida cadencia dos violinos arrastando pela sala, alagada em luz, uma trémula e murmura caricia, onde se sentia, na flexivel construcção do rythmo,

UMA VISTA D'OLHOS NA CARTEIRA DO CORREIO

o enlace de braços que se procuram, de hombros que se tocam, de olhares que se cruzam, de halitos que se confundem, Ernesto curvou-se, e ao ouvido da viscondessa, pediu licença para ir apresentar-lhe os seus respeitos no dia immediato.

Ella não respondeu, mas no final do cotillon acceitou o ramilhete de camelias escarlates que elle veio, de joelho em terra, depor-lhe no regaço.

Na manhã seguinte, o visconde desafiou a mulher para irem juntos, em *partie fine*, almoçar a Bemfica e jantar a Cintra.

A viscondessa respondeu que não podia, que estava compromettida, que fazia muito frio.

Ao almoço, apresentou-se vestindo uma deliciosa toilette de estar em casa, de uma garridice premeditada, e com estudada naturalidade, segurando nas pontas dos dedos a taça de chocolate que fumava, envolvendo-a em uma nuvemsinha azulada, deixou cair na conversa o nome de Eduardo Lencastre.

—Ah! é verdade, acudiu o visconde, accendendo um charuto, o Eduardo!... Quantas vezes conjugou elle hontem o verbo amar? ainda não me contaste.

—Nenhuma, asseguro-te, cortou a viscondessa quasi desabridamente, levantando-se e descendo ao jardim.

O visconde ficou parado a scismar, com o charuto pendente da bôcca entre aberta e o olhar vagamente inquieto. Depois, encolheu os hombros, achou burlesca a suspeita que o assaltara de repente, deu uma gargalhada, e foi despedir-se da esposa, que, de costas voltadas, sem fazer caso do marido, andava saltitando pelos canteiros a colher violetas.

A's duas horas, o criado annunciou o sr. Eduardo Lencastre.

Eduardo entrou, embainhado em uma comprida sobrecasaca, mysteriosamente grave, revestido de um ar fatal, trazendo uma rosa ao peito e um plano na cabeça.

A viscondessa notou e principiou a arrepender-se de não ter ido almoçar a Bemfica.

A principio, a conversa correu banal, finamente burilada de allusões galanteadoras, no tom discreto de inoffensiva *marivaudage*.

A viscondessa ria, divertia-se a entrançar violetas em pequenas coroas: de vez em quando levantava-se, corria ao piano e tocava a gavota de Luly, a sua musica predilecta.

Eduardo mordia os beiços, tinha silencios compromettedores, que estabeleciam no dialogo parenthesis verdadeiramente perturbantes.

A viscondessa, cada vez mais enleiada, amaldiçoava instinctivamente a sua projectada vingança, começava a achar menos ideal a côrte de Eduardo, e sentia um appetite enorme de ir jantar a Cintra.

De repente, Eduardo saiu da sua frieza correcta, approximou-se do piano nos bicos dos pés, como um ladrão que premedita o roubo.

No momento em que a viscondessa levantava as mãos do teclado, sentiu uns braços cingirem-a e uns labios ardentes beijarem-a na nuca.

A viscondessa deu um grito, e com a força dos seus nervos excitados repelliu violentamente o atrevido: depois, correu direita ao timbre. O creado appareceu, perfilado, á entrada da sala.

Eduardo Lencastre curvou-se até ao chão e sahiu.

N'essa mesma noite, na occasião em que soltava o cabello defronte do toucador, a viscondessa notou que na sua mão direita, reflectida no espelho, faltava um annel, uma enorme esmeralda de um precioso e delicado facetamento, engastada expressamente para ella por um dos mais habeis joalheiros; um annel digno de ser offerecido a uma rainha, que o visconde lhe enfiára no dedo, no dia do seu casamento.

Contrariada, inconsolavel, não ousando contar aquella infelicidade ao marido, não se atrevendo a accusar ninguem, mas desconfiando de todos, a viscondessa perdeu um dia inteiro a procurar o annel. Mandou voltar a casa de baixo para cima, deu ordem para se alterar a disposição dos moveis, para se levantarem as cortinas das janellas, as capas dos sophás, os vasos das jardineiras; tudo foi inutil!

Dois dias depois, ao jantar, o visconde deu uma noticia que fez estremecer a viscondessa.

—Sabes? O Eduardo comprou no Porto uma esmeralda exactamente egual áquella que te offereci. E' a segunda que vejo!

Precisamente n'essa noite, cantava-se pela ultima vez o *Hamlet*, com a Fidés.

A viscondessa, que andava muito nervosa, muito seccada, muito enfastiada de theatros, não teve remedio senão annuir ás instancias do marido, acompanhando-o a S. Carlos.

No fim do 2.º acto, o camarote fronteiro ao seu abriu-se, e a viscondessa viu brilhar no braço da *creatura* pintada, refulgindo por todas as suas innumeras facetas, a sua querida esmeralda!

GUIOMAR TORREZÃO.

VELHA CANÇÃO

Na adolescencia, quando os sonhos vôam
como as pombas que fogem dos pombaes,
ha musicas estranhas que resoam
e que mais tarde não se escutam mais.

São os hymnos do Amor que desabrocha
e vêm toda a existencia perfumar,
como um lirio das fendas de uma rocha
banhado nas volupias do luar...

Como as aves do azul vamos cantando
essas canções d'uma harmonia ignota,
que se extinguem mais tarde, arrebatando
uma illusão perdida em cada nota.

E n'este enleio a vida se resume,
ergam embora as ondas bonançosas
os lampejos terriveis do Ciume,
interrompendo as arias amorosas,

Depois, depois, como a existencia corre
e nos foge, chorando, a Mocidade,
O nosso coração soluça e morre
amortalhado em nevoas de saudade.

Se olhamos para traz, n'esse passado
que a juventude engrinaldou, sorrindo,
atravessa o cortejo desgrenhado
das velhas affeições, que vão carpindo...

E' feliz o que morre antes do outono
sem ter visto dispersas pelo chão,
ao limiar do derradeiro somno,
as petalas azues d'uma illusão.

Por isso eu te amo, oh minha flôr, meu norte!
porque n'esta paixão que nos fascina,
como gemea do Amor penso que a Morte
um para o outro os corações inclina!...

ANTONIO FEIJÓ.

AS NOSSAS GRAVURAS

EGREJA NOVA DE S. FRANCISCO, NO PORTO

A egreja de S. Francisco, do Porto, está situada na rua de S. Francisco, junto da Bolsa.

Pertenceu aos religiosos observantes da ordem de S. Francisco, que se haviam estabelecido fóra dos muros da cidade, em 1233.

Dois seculos depois, D. João I, por causa dos estragos que os de Castella haviam feito no antigo edificio, durante a ultima guerra, mandou que edificassem novo munumento, o que fizeram no local onde hoje se vê, e para onde se mudaram em 1404.

A fabrica da egreja é grande e rica. Divide-se em tres naves, que se admiram pela muita entalha em madeira que as cobre e que é toda dourada.

Incendiado o convento, que então servia de aquartellamento militar, na noite de 24 de julho de 1832, sobre as ruinas do antigo mosteiro construiram os commerciantes d'aquella praça o edificio da Bolsa.

Perto d'essa egreja vê-se a egreja nova ou capella de S. Francisco, cuja fachada a nossa estampa representa.

Está conservada com muito aceio, e tem quadros de Vieira Portuense.

E' digno de attenção o amplo e famoso cemiterio subterraneo, sem egual em Portugal. E' todo em abobada e similha as catacumbas de Roma.

ATRAVESSANDO O REGATO

Passeiavam pelos bosques, á sombra das carvalheiras frondosas, distanciados do resto da familia.

Elle era todo ternuras, e ella toda graciosidade. Amavam-se, é claro, com o amor enthusiastico dos vinte annos, mas nunca se tinham visto tanto a sós. O acaso protegera-os n'aquella tarde, e elle, o galan gentil, queria aproveitar todos os favores do acaso. Em certa altura do caminho, podendo muito bem tornear o regato, e seguir pela vereda acima, até á povoação, convidou a sua formosa companheira a transpôr o fio de agua prateda que lhe corria aos pés.

As vantagens d'esta *ruse* comprehendem-se: primeiro, o astucioso namorado desejava ver, no salto da bella fidalguinha, alguma coisa tentadora e provocante que até alli não vira nunca; depois, queria deixar entre si e os que vinham atraz a barreira do arroio crystallino.

Ella olha-o com ares de quem percebe a velhacaria da intenção, mas arregaça o vestido e presta-se a saltar, mesmo em riscos de deixar ver mais do que o pé, e de cair... no laço.
Amor, a quanto obrigas!

UMA VISTA D'OLHOS NA CARTEIRA DO CORREIO

Em Inglaterra, nas casas de campo que ficam a grande distancia do correio, é costume haver uma carteira com duas chaves, das quaes uma é entregue ao director da posta, e a outra fica em poder da familia que manda buscar a correspondencia. Por esta forma evita-se que os criados percam ou desviem, malevolamente, as cartas do seu destino.
Aquelle *miss*, impaciente por ver se na carteira vem alguma carta para ella, não espera pelo resto da familia, e está passando uma rapida revista, na esperança d'encontrar um convite para passar a noite fóra, ou, quem sabe? outra cousa que mais a interesse.

Á BEIRA DO RIO

Elle, um barqueiro rude, ella uma simples rapariga do povo, operaria de fabricas ou coisa que o valha.
E amam-se. Todas as tardes que Deus deitou ao mundo, é certo vêl-os n'aquelle doce enlevo, quando ella vem do trabalho com o seu chale preto modesto pela cabeça, e o seu vestidinho de percale meio desbotado n'um uso de longos mezes.
Elle vae esperal-a no bote, para junto do muro, ao pôr do sol, e ali passam tempos esquecidos, em delicioso *tête à tête*, trocando confidencias e promessas.
Quer chova quer vente, a entrevista é sempre certa. Nem o vento os afflige, nem a chuva os enregela. O amor que ambos sentem dá-lhes força para supportar as intemperies: aquece-os a ambos com a sua chamma divina, cobre-os e afaga-os docemente com a sua aza protectora.

OS DOIS IRMÃOS

A nossa gravura representa um pequeno quadro, que é sympathico a todos.
Uma creança de sete a oito annos encaminha os primeiros passos de um irmãosinho, que apenas conta anno e meio. O cão e o gato, até esses inimigos encarniçados, suspendem por um momento os seus odios perante aquelles cabellos loiros, e procuram afagar a pobre creancinha, que se dirige para elles.

MARGARIDA

A' meia noite desceu embrulhada na capa. Arranjára á pressa alguma roupa, e, quando o pae dormia, abriu a porta do quarto e saiu devagar, suspendendo a respiração.
O Lemos esperava em baixo, ao canto. Havia meia hora que passeiava na rua, esfregando as mãos. Chovêra: as ruas estavam molhadas ainda, e o candieiro da esquina reflectia uma luz mortiça nas pedras humidas da calçada suja.
Quando ella appareceu, assustada, pallida, e viu o trem parado no largo, teve um sobresalto, sentiu um remorso, ao deixar para sempre a casa paterna, o seu viver sereno, para se entregar aos acasos da sorte, ás incertezas de um futuro que a fascinára. Mas era tarde: a porta fechára-se por si, e o Lemos apertava-lhe as mãos geladas, attrahia-a, arrastava-a n'uma precipitação carinhosa, dizia-lhe phrases ardentes, apaixonadas, tremulo, a meia voz: — meu anjo! minha filha! Vamos... partâmos... é já tão tarde...
Ella deixou-se levar, e quando o trem rodou pesadamente no *macdam* da estrada, quando se viu a sós com o namorado, sentindo-lhe a respiração alta, o fulgor dos olhos pretos, quiz gritar, quiz fugir, quiz arrancar-se d'ali, voltar á sua vida feliz e esquecer aquelle homem, aquella loucura sem razão, aquella fuga vergonhosa.
Mas o trem corria no silencio da noite, a cidade escondera-se na volta do caminho, e ella, deixando-se cair nas almofadas duras do carro, tapou os olhos com o lenço, n'um pezar repentino, n uma afflicção sincera, em lagrimas ardentes que queimavam.
Sentia agora o pezo da sua vergonha: via-se deshonrada, amaldiçoada pelo pae, o pobre velho que a adorava, e que ella assim deixava ao desamparo, em luto, n'um ermo d'affectos.
Era tarde, muito tarde. Dera já uma hora no relogio da egreja distante, e o som amortecido do sino parecia segredar-lhe ainda uma censura e um ultimo adeus triste.
O Lemos ficára calado, immovel, acabrunhado pelas lagrimas d'ella, pensando talvez na responsabilidade que contrahira, arrastando comsigo uma mulher, para a manietar á sua vida aventurosa na Africa. Porque elle ia para o ultramar: era sargento de caçadores, e a Africa offerecia-lhe a banda d'alferes. Abraçara logo a ideia para se livrar das exigencias e serviço do quartel— *uma estopada.*
A Margarida era o namoro d'elle, e, quando soube a novidade, chorou, oppoz-se, pediu; mas o Lemos foi inflexivel: «que já tinha dado o nome, que não podia deixar de ir, que além d'isso não tinha posição, nem tinha fortuna. Não devia casar assim sem mais nem menos. Corresponder-se-iam, e quando elle um dia voltasse, casaria com ella.»
— Não! oh! não... Leva-me comtigo. Leva-me. Eu não fico aqui sem te vêr; porque te amo muito! Morrerei se me deixas— dizia
— Não! tolice! E' uma tolice!
E o Lemos sentia-lhe as lagrimas quentes, o contorno dos braços roliços que o enlaçavam, o calor macio do corpo languido; veiu-lhe uma allucinação rapida que o aturdia.
— E' uma tolice, repetia. Levar-te? Para isso teria de casar já... Não é possivel: as despezas... os...
E occorreu-lhe de repente uma ideia má, um desejo sensual de possuir aquelle corpo torneado, de o levar para longe, de o devorar com beijos phreneticos, de dominar sobre uma outra vontade humilde, submissa, sem replicar aos seus caprichos.
—Olha, foge comigo. Iremos para longe. Far-te-hei feliz. Nunca te separarás de mim. O mundo ha-de fallar, mas nós casamos em Lisboa e elles calam se. Tem-se visto. Escreveremos a teu pae que nos perdôe, sim?
As palavras saiam-lhe precipitadas, tremulas, sem sentido, incoherentes.
A Margarida recuou atemorisada; pareceu-lhe aquillo um attentado, um crime monstruoso: «Deixar o pae! fugir com um homem. Credo!»
Mas elle caiu-lhe aos pés, implorou, chamou-lhe «sem coração»; elle adorava-a, apresentava o unico meio de nunca se separarem, e ella repellia-o, recusava.
—Que medo tens? Duvidas de mim, da minha dignidade, da minha palavra... Pois eu havia de te enganar, a ti que és o meu anjo, a minha amada, a minha esposa aos olhos de Deus?
E no seu enthusiasmo invocou o nome da mãe fallecida «uma santa velhinha, que lhe ensinára as primeiras orações da infancia.»
Ella teve ainda uma phrase indecisa, uma irresolução cobarde:—que diriam? que seria do pae que tanto a amava?
E o pensamento voava-lhe para as lagrimas da sua vida tranquilla, para os seus sonhos de rapariga innocente, sem um remorso a pesar-lhe na consciencia, para as reuniões do *club* onde todos a admiravam.
Mas o Lemos era o seu preferido, era o homem que ella amava do fundo d'alma, e a sua ausencia fal-a-ia soffrer. Sem elle não haveria mais alegrias. O seu Lemos, sempre tão delicado, tão fino, tão amante! E se elle adoecesse n'aquelles climas insalubres? quem o trataria, quem lhe daria um caldo, estando ella cá longe, reduzida a bordar e a ouvir as phrases velhas, indifferentes, bisbilhoteiras, das amigas?
Decidiu-se.

Duas horas depois chegava o trem á foz do Guadiana, e foi parar á porta d'uma hospedaria hespanhola. Eram tres e meia. O cocheiro batêra á porta, e quando o D. Manuel, o hospedeiro, appareceu, curvado pela edade, serviçal, muito apressado, viu atravez dos vidros empoeirados o cigarro do Lemos, que luzia. Levantára-se n'aquelle momento; vinha ainda estremunhado, abotoando um casaco largo, que lhe deixava ver em cima um pouco do peito cabelludo.
A Margarida sentia-se fatigada. Entraram, pediram um quarto, e o Lemos perguntou logo a que horas partia o vapor do Guadiana; que não queria perder a viagem: tinha de estar em Lisboa na segunda feira.
—*Descuide usted. El vapor saldrá a eso de las diez.*—E andando adiante, o D. Manuel introduziu-os na sala ladrilhada. Foi mostrar o quarto, que era ao fundo, e depois perguntou se queriam almoçar.
—Sim, de certo; mas não se esqueça de chamar.
—*Descuiden ustedes. A' las ocho.*
E andando de vagar, arrastando os pés pesados, foi deixar a véla sobre a meza da sala, por baixo do espelho antigo, e saio.
A Margarida sentára-se a um canto, junto da janella fechada, de onde pendia uma cortina branca, apanhada nos lados, em florões amarellos, de folha. Sentia-se triste, enleiada; n'aquella casa escura, silenciosa, de ladrilhos quadrados, largos, de côr avermelhada, e de mobilia pesada, burgueza, com quadros toscos de oleographia barata.
No quarto proximo ouvia-se resonar. E veiu-lhe ao pensamento o pae, que áquella hora dormiria ainda, confiado na mesma casa onde ella nascera e que deixara para sempre.
Ao fundo, sobre o sofá sem costas, pendia o retrato de uma mulher nutrida, de olhar severo, que parecia exprobar-lhe o seu procedimento mau: do outro lado, fóra do circulo de luz, o do D. Manuel, e ao centro destacava-se na tela escura o rosto juvenil de uma rapariga de 16 annos, de olhos rasgados, negros. Pareceu-lhe compassivo aquelle olhar virginal, immovel, que a fitava insistente, n'um ar de complacencia triste, que a fazia co-

A' BEIRA DO RIO

rar, que a humilhava: sentiu um soluço despedaçar-lhe a garganta e pronunciou baixinho o nome querido da mãe. Se ella não morresse, teria agora a quem confiar as suas maguas, os seus pezares; ella protegel-a-ia contra os perigos da sua inexperiencia...

A's dez da manhã apitava pela ultima vez o vapor da carreira do Guadiana, e largava da amarração.

O Lemos ia só.

Na estrada do littoral corria um trem fechado, levando a Margarida que chorava e um velho que chegára momentos antes.

LORJÓ TAVARES.

A DESFORRA DE CLOTILDE

O Minho, esse canto paradisiaco do nosso paiz, fôra o theatro dos seus primeiros amores.

Amores suavissimos, nascidos do convivio infantil, á sombra das grandes arvores copadas, sob o azul immaculado de um céo sempre primaveral.

*

Outr'ora, quando os jornaleiros voltavam da roça, ahi pela tardinha, não era raro deparar-se-lhes o grupo adoravel dos dois traquinas, brancos e louros como espigas sazonadas, ora rebolando os corpitos pela palha macia da eira, ora desenvolvendo as pernitas endiabradas na difficil ascensão de uma collina, ora passeando *bras-dessus bras-dessous* com a gravidade de dois grandes senhores, pelas vistosas alamedas abobadadas de ramagem.

Mas os annos iam correndo uns apoz outros, e as loucas frivolidades de creança embotavam-se, no fogo ardente da mocidade que chegava

Daniel e Clotilde tocavam já essa idade florescente em que todo o passado se nos affigura um sonho, e seprevê o futuro como um perfumado eden constellado das mais encantadoras flôres. Amavam-se. Não com a paixão desordenada e cega que estonteia, mas com o embevecimento calmo e dôce que innebria!

Era a intuição reciproca de duas almas que vieram ao mundo para se fundirem n'uma só!

E quantas vezes Daniel, sempre dado a excursões campestres, ao passar por um certo logar umbroso, impregnado das frescuras do Lima e dos mil segredos da espessura, quantas vezes dizia de si para si, suspirando tristemente:

— Ah! Se Clotilde aqui estivesse, como tudo isto me pareceria bello!...

Mas, bem a seu pezar, Daniel era já senhor de um buço quasi respeitavel, e Clotilde engastava, na cabelleira aristocraticamente loura, a corôa virginal das suas quinze primaveras!..

Agora, como nunca, o baluarte granitico das conveniencias sociaes levantava-se entre os dois namorados, cortando-lhes as suas mais castas aspirações.

E Daniel, experimentando a nostalgia do passado, reflectia, pezaroso, que tudo teria remedio, se elle retrocedesse aos felizes tempos da juventude!...

*

Chegou o dia fatal em que o moço enamorado havia de partir para Coimbra, onde tencionava cursar a faculdade de medicina.

Na vespera á noite, montado em possante cavallo, galgára vertiginosamente o espaço que separava a sua habitação da de Clotilde. Momentos depois transpunha o limiar d'esse mesmo aposento, severo specimen dos salões medievaes, onde passára tantas e tão agradaveis horas.

Logo ao crusar a entrada, sentiu a pressão suavissima de dois braços femininos, que lhe enlaçavam o pescoço.

Era Clotilde que assim o abraçava, pallida e triste desde que a lembrança d'aquella separação não cessára de a perseguir; era ella que o fitava ternamente, com os seus formosos olhos de um azul turqueza, marejados de lagrimas!

Enovellada na sua poltrona predilecta, a avó, senhora muito meticulosa em religiosidades e pontos de honra, folheava as paginas amarelladas do *Flos-Sanctorum*.

Depois de uma conversa banal com a octogenaria, a quem expoz os motivos d'aquella visita solemne, Daniel retirou-se com Clotilde para o varadim, áquella hora engolphado na claridade lactea do luar.

É facil de adivinhar o que ambos ali disseram, no delicioso ninho de amor recortado de trepadeiras e magnolias...

Dialogos scintillantes onde esfuziam as grandes phrases de sensação em *pêle-mêle* com as longas tiradas de amargura, as recriminações contra o destino, duvidas, esperanças, protestos de amor inextinguivel, juramentos solemnes, lagrimas, suspiros... terminando tudo pelo ultimo beijo fremente da despedida!

. . . .

Daniel partiu no dia seguinte.

*

Os dois primeiros annos decorreram sem novidade.

Todas as semanas Clotilde recebia carta de Daniel, uma carta de oito paginas, recheada de amor e de exclamações nostalgicas, alludindo aqui e ali ás noites de luar e ás tranquillas aguas do Mondego, e terminando sempre pela narração facil de meia duzia de episodios academicos.

Ella, menos pretenciosa mas talvez mais verdadeira, respondia-lhe que o amava muito e que não o esqueceria nunca.

Quando chegavam as ferias, o estudante sequioso de olhares ternos e caricias de mulher, corria á terra natal e reatava as poeticas entrevistas de outr'óra, junto ao varadim, onde a debruçada figura de Clotilde lhe fazia lembrar a bella heroina de Shakespeare.

Mas ao terceiro anno, por occasião da Paschoa, Daniel não foi a casa. «...Que era impossivel, pois que os trabalhos escolares o não deixavam pôr pé em ramo verde», escrevera elle seccamente a Clotilde.

Depois de derramar muitas lagrimas, ella resignou-se e esperou...

Esperança baldada!

A correspondencia, de semanal que era, passou a ser quinzenal, e por fim, decorreram mezes sem que viesse uma unica linha do ingrato.

Certa manhã, posto que já hovessem dado nove horas, ainda Clotilde não tinha sahido do quarto.

A avósinha, estranhando esta preguiça desusada, encaminhou-se, em sobresalto, para o quarto da neta, e abriu a porta de manso.

Clotilde estava estendida na alcatifa, inanimada e fria, com os cabellos soltos velando-lhe a fronte de neve.

*

Decorreram dez annos.

A viscondessa dava um baile no seu magnifico palacete de Buenos-Ayres. Nos salões, cheios de melodias ondulantes de Strauss e de perfumes estonteadores de mulheres formosas, fervilhava a *haute gomme* de Lisboa, envolta em rendas caras e casacas pretenciosas.

A luz, entornando-se a jorros dos pesados lustres, punha reflexos de alabastro nos hombros femininos, adoravelmente desnudados.

N'aquella noite a viscondessa, uma viuvinha de vinte e seis annos, estava idealmente formosa, com a sua deslumbrante *toilette* de baile a firmar-lhe os contornos provocadores.

Fallava com um e com outro, saltitava d'este para aquelle grupo, ria muito, muitissimo, um rir nervoso que escalda, sempre *coquette*, espirituosa, irresistivel ..

Sereno e imperturbavel, o doutor veiu convidal-a para dançar.

Ella teve um sorriso indefinivel, e aceitou.

Contornando com o braço a cintura elastica da viscondessa, elle sentiu que o abandonava a serenidade habitual.

Quando os seus olhos se encontravam com os olhos fascinantes e agarotados d'ella, experimentava contorsões nervosas, como se tivesse recebido a impressão electrica de uma pilha.

Havia o quer que era na viscondessa, subtil, aereo, intangivel, que lhe reatava dentro do peito o fogo extincto de uma paixão antiga.

Fallou-lhe então do passado, quando ella era ainda uma creança e elle um diabrete pequenino; dos seuse ntretenimentos pueris no seio dos bosques emmaranhados, e mais tarde, das entrevistas sérias no varandim engolphado na claridade lactea do luar. . .

. . . .

Perdido, desorientado, curvou-se um pouco mais para a viscondessa e pousou-lhe os labios palpitantes de voluptuosidade nas tranças douradas.

Mas ella desprendeu-se violentamente e fulminou-o com uma risada metallica, cuja ironia mordente como uma duvida de Voltaire, o deixou profundamente impressionado no meio da sala, entre a multidão que perpassava indifferente...

*

Tempos depois os jornaes da capital publicavam o seguinte:

«A classe medica acaba de perder um dos seus mais dedicados e illustres membros.

«Hontem á noite, proximo das onze horas, pôz termo á vida, disparando um tiro de revolver na cabeça, o doutor Daniel***

«Ignoram-se as causas de tão tragico desenlace, mas sabe-se que o infeliz vivia, desde algum tempo, bastante atribulado.

«Paz á sua alma!»

*

No seu *boudoir* encantador, mergulhado em melancolica penumbra, a viscondessa, languidamente reclinada n'um divan, acabava de ler este necrologio.

Custou-lhe uma lagrima—a ultima—que cahiu silenciosamente e lugubre sobre o jornal.
Foi a oração funebre do suicida!...

DUARTE CID.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Doce nome o da preferida 2—2.

No principio a mulher é mulher—1—3.

Mathosinhos. PIM-PAM-PUM.

EM VERSO

A prima tocada por outra, leitor,
A ti mostrara
Gentil namorado, galan portuguez,
De cujo talento prendida uma vez
Ficou a *sinhá*—2

Na minha segunda, tal qual na primeira,
O mesmo fareis;
E logo de prompto mulher cabaneira
Com fama de cabra, tambem traiçoeira,
Aqui achareis.—1.

«Ne rede olorosa, silencio! deixai-a
Dormir em descanço!
Escravo, balouça-lhe a rede serena;
Mestiça, teu leque de plumas acena
De manso, de manso...»

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

Com este livro—2, 3, 2, 4, 5, 1.
E este animal—4, 6, 2, 6
Terás um nome
De racional.

Porto. FANTOCHE.

QUADRA SYLLABICA

— — — — Ave equatica
— — — — Collecção de livros
— — — — Cidade da Grecia actual
— — — — Capital d'um principado da India.

Porto. TRINDADE.

CHARADA ENIGMATICA

(A E. Tavares)

De sobra lhe affirmo que primas, leitor
Ha de ter;
Se falta sensivel da tercia, senhor
Padecer.

Na senda da honra por elle trilhada,
A custo soffrendo miserias sem par,
O parco sustento lá vae adquirindo
Curvando-se ao jugo d'insano lidar.

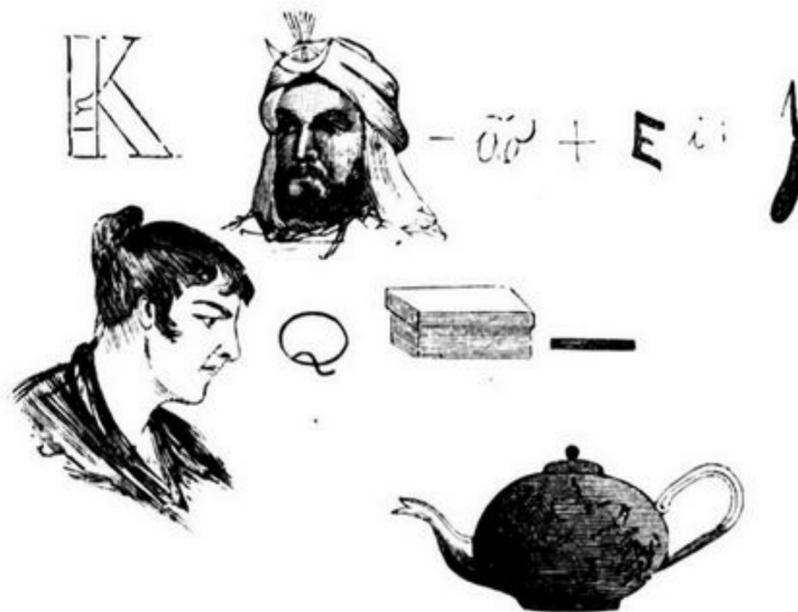
Faro. DOMINÓ BRANCO.

LOCOGRIPHO

Embora digam que illudo—4, 2, 1, 3. 2
Não ha duvida, é sagrada—1, 3, 1, 4, 3, 2
Esta ave bem conhecida—2, 1, 3, 1, 5
Que no mar será achada—1, 2, 4, 5, 3, 2.

Se elle, acaso, já está morto,
(Não o duvido, até creio,)
De certo no todo achaste
Da mocidade um recreio.

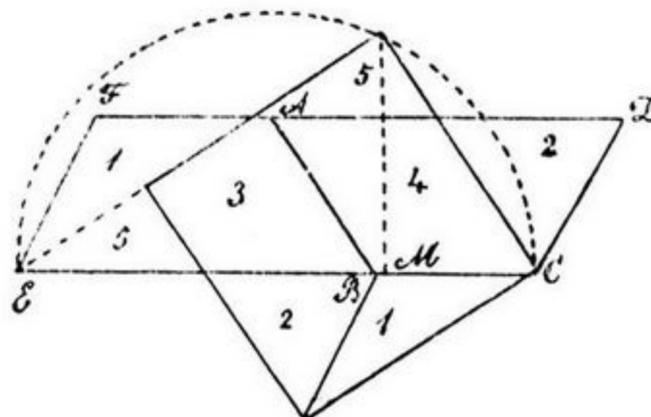
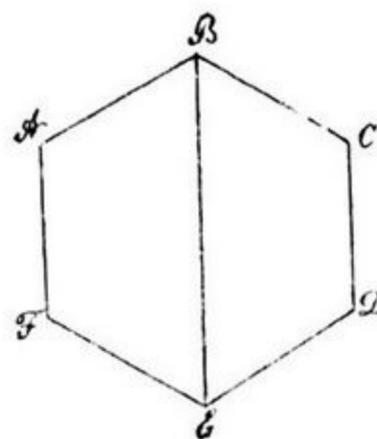
MATHEUS JUNIOR

ENIGMA PITTORESCO

PROBLEMA

Decompor um pentagono regular em sete partes, que reunidas convenientemente formem um quadrado.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: — Corredor — Caramello—Limão—Resoluto—Archeiro—Apostolo —Atomo.
DOS LOGOGRIPHOS:—Adelaide—Camarada—Erebo.
DA PERGUNTA ENIGMATICA:—Agulha.
DA QUADRA SYLLABICA: — (Ni-a-ga-ra—a-na-li-so—ga-li-ci-a - ra-so-a-vel.)
DO PROBLEMA DO N.º 3:

F A B E é uma das metades do hexagono e A B D C é a outra metade.
C M é egual á altura do parallelogrammo E D formado pelas duas metades do hexagono.

EXPEDIENTE

Em virtude de circumstancias extraordinarias, que fizeram com que o 4.º numero da *Illustração Portugueza* entrasse mais cedo na machina, inesperadamente, o director d'este semanario não poude rever a prova de pagina, como costuma, explicando-se assim o facto de terem apparecido, n'aquelle numero, varios erros typographicos, que os nossos leitores com facilidade corrigirão.

A RIR

N'uma carruagem de 1.ª classe de caminho de ferro:

Um sujeito, querendo travar conversação com uma companheira de viagem, realmente seductora, diz:

—O vapor, que bella invenção!

—A quem o sr. o diz! replica a interessante filha d'Eva. Ha seis mezes que perdi meu marido, em consequencia d'um accidente de caminho de ferro.

*

—Como vae tua sogra?

—Não me falles n'ella, meu caro: é um verdadeiro prodigio de conservação. Passo a vida a colloca-l-a nas correntes d'ar, e a fazel-a jantar em minha casa, occupando á meza o decimo terceiro logar, e nada a abala. E' sempre o seu visinho da direita que se constipa, ou o seu visinho da esquerda que morre.

*

Celestino entra em casa do seu amigo Estanislau, que está doente. Na escada encontra-se com o dr. X..., que sae.

Chegado ao quarto do enfermo, Celestino pergunta-lhe:

—Porque rasão chamaste tu este medico para te tratar? E' um tumba!

—Chamei-o por gratidão.

—Como assim?

—Foi elle quem tratou minha sogra, ha dois annos, na doença de que morreu.

*

Fallava-se diante de X..., d'uma dama do grande mundo, cuja edade ninguem conhecia ao certo.

—Tem trinta e cinco annos, disse uma amiga da dama em questão.

—Qual! Tem quarenta e cinco, pelo menos!

—Nada, não senhor. Tem cincoenta!

—Perdão, disse X... As mulheres, entre nós, teem sempre *trinta annos* ou *sessenta*. A mulher de *quarenta annos* não existe.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

NODOAS D'OXYDO DE FERRO

Para as apagar, colloca-se o tecido sobre marmore, deita-se sobre a nodoa acido oxalico pulverizado, e rega-se este com agua pura.

A' medida que a nodoa vae desapparecendo, vae-se lavando com agua, e renovando o acido até que tenha de todo desapparecido. Este processo, porém, é só applicavel á roupa branca, visto que o acido oxalico ataca varias côres. No caso de a nodoa resistir ao processo indicado, pode usar-se o chlorureto de calcio, que se põe sobre a nodoa como o acido oxalico; depois lava-se com uma mistura de dez partes de agua e uma de acido chlorydrico, lavando logo repetidas vezes com agua pura, até á desapparição de qualquer vestigio do acido. As nodoas de tinta e de sangue, podem ser tiradas por egual processo.

OS DOIS IRMÃOS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso..........	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA